

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

SHEILA PEIROT PAZ

**NEO-RURALS AGROECOLÓGICOS E DESENVOLVIMENTO RURAL
SUSTENTÁVEL EM SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA/RS**

Porto Alegre

2017

SHEILA PEIROT PAZ

**NEO-RURALS AGROECOLÓGICOS E DESENVOLVIMENTO RURAL
SUSTENTÁVEL EM SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA/RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Kessler Dal Soglio

Porto Alegre

2017

SHEILA PEIROT PAZ

**NEO-RURAIS AGROECOLÓGICOS E DESENVOLVIMENTO RURAL
SUSTENTÁVEL EM SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA/RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, ____ de ____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fábio Kessler Dal Soglio – Orientador
UFRGS

Profa. Dra. Marlise Amália Reinehr Dal Forno
UFRGS

Prof. Dra. Patrícia Binkowski
UERGS

Dedico este trabalho ao Seu Toninho, com quem tive a oportunidade de compartilhar conhecimentos e saberes na primeira experiência de estágio... Agricultor, neo-rural, amigo, ser humano de muitíssimo valor e importância para a agricultura familiar agroecológica de

Santo Antônio da Patrulha!

Sonhou, lutou, venceu!

Seu enorme coração o levou... ficam os aprendizados...

Muito obrigada por dividir seus saberes e momentos conosco!



A [tod@s](#) aqueles que ousaram ou que ainda sonham largar a cidade e ir pro campo...

A [tod@s](#) aqueles que acreditam em uma outra forma de fazer agricultura...

Àqueles/as que tem a Agroecologia como uma concepção de vida...

Aos que concretizam um desenvolvimento rural sustentável no trabalho de cada dia!

AGRADECIMENTOS

À minha família, por ser minha base, meu suporte, meu porto seguro!

Ao meu pai e minha mãe, por não deixarem eu esquecer, sequer um dia, de questionar o mundo a minha volta!

À minha irmã Dane, companheira de Plageder, pela parceria nos trabalhos, discussões, pesquisas, idas ao polo... pelas comidinhas PANC nas noites de sono, pelos estímulos constantes!

À mana Pepa, por estudar todas as noites junto conosco e “entender” nossos pedidos de silêncio ou nossa falta de atenção nos dias difíceis...

Às nossas galinhas, pintos, gansos, marrecos, patos, vacas, cães e plantas, que por vezes ficaram esperando nossa atenção, nosso retorno do estágio, nosso contato após uma pesquisa...

Ao meu orientador, Fábio Dal Soglio, que apesar de distante em termos físicos, desde o início esteve presente, sendo sutil e ao mesmo tempo firme nas cobranças... lendo e corrigindo cada termo, cada frase, cada detalhe. Esta “presença” é muito importante para nós, estudantes à distância, pois passamos o curso inteiro sem uma aproximação dos docentes, sendo fundamental esta atenção extra neste momento tão solitário do curso.

Aos muitos tutores e tutoras, professores e professoras, equipe técnica, equipe do polo universitário, pelo apoio e pelas orientações...

À professora Darlene Webler, que me ajudou no resumo, nas orientações, nas regras da ABNT... pelo apoio e compreensão nos momentos de maior tensão...

Às instituições do âmbito rural (Emater, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, prefeitura), que por muitas vezes me receberam de portas abertas para responder um questionário, fazer um levantamento, pesquisar uns mapas...

Aos agricultores e agricultoras familiares que durante este trajeto de curso abriram suas propriedades e suas vidas para colaborar com minha trajetória acadêmica. Espero ter auxiliado tanto quanto vocês me auxiliaram... tenho certeza que os saberes e momentos que compartilharam comigo não tem preço... deixo aqui minha gratidão e pretendo contribuir ainda mais com ações visando um desenvolvimento rural sustentável, como agricultora familiar agroecológica e eterna estudante do desenvolvimento rural...

Juvenar (Karnak)

Tá frio aqui
Tá muito poluído
Eu tô triste eu tô borrecido

Tá feio aqui
Tá muita poluição
Tá fedido
Fumaça de caminhão

Eu tô cansado da cidade
Eu quero ir pro mato
tem de tudo lá
porco galinha pato
tem carroça
tem cachorro
tem carro de boi
correguinho sempre tem

Juvenar Juvenar
Vem tirar o leite
São 6 horas da manhã
Juvenar Juvenar Juvenar Juvenar

Vocês que fazem parte do Karnak
que temem a fumaça do motor
saibam que o melhor da vida
é saúde é comida é amor
você tem que estar bem consigo próprio
prá isso não importa o lugar
pode ser bem debaixo desta ponte
ou num palácio lindo em Madagascar
pode ser num planeta bem distante
ou na boleia deste caminhão
tá frio tá tempestade tá chovendo
muito mais triste é a chuva do nosso coração

Eh ohoh vida de gado povo marcado eh povo feliz

RESUMO

O presente trabalho trata dos neo-rurais agroecológicos. Sua relevância está no fato deste movimento ter crescido ultimamente, exigindo posturas dos agentes promotores do desenvolvimento rural, desde entidades até profissionais da área. Tem como objetivo entender como os discursos, concepções e ações destes atores sociais interferem no desenvolvimento rural sustentável de Santo Antônio da Patrulha. Para isso, foram realizadas entrevistas e visitas nas propriedades das cinco famílias participantes, além de conversa com representantes de dois órgãos que trabalham no âmbito do desenvolvimento rural: Sindicato dos Trabalhadores Rurais e EMATER. A partir da pesquisa de campo e valendo-se dos estudos relacionados, percebe-se que estas novas ruralidades não interferem apenas no desenvolvimento local, como nas formas de ver o rural e fazer agricultura, problematizando desde ações a nível micro, pessoais, comunitárias e regionais, até políticas públicas.

Palavras-chave: Neo-rurais. Agroecologia. Desenvolvimento rural sustentável.

RESUMEN

El presente trabajo trata de los neo-rurales agroecológicos. Su relevancia está en el hecho de que este movimiento ha crecido últimamente, exigiendo posturas de los agentes promotores del desarrollo rural, desde entidades hasta profesionales del área. Tiene como objetivo entender cómo los discursos, concepciones y acciones de estos actores sociales interfieren en el desarrollo rural sostenible de Santo Antônio de la Patrulla. Para ello, se realizaron entrevistas y visitas en las propiedades de las cinco familias participantes, además de conversación con representantes de dos órganos que trabajan en el ámbito del desarrollo rural: Sindicato de los Trabajadores Rurales y EMATER. A partir de la investigación de campo y valiéndose de los estudios relacionados, se percibe que estas nuevas ruralidades no interfieren sólo en el desarrollo local, como en las formas de ver el rural y hacer agricultura, problematizando desde acciones a nivel micro, personales, comunitarias y comunitarias regionales, hasta políticas públicas.

Palabras clave: Neo-rurales. Agroecología. Desarrollo rural sostenible.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pousada Rural Encantos da Natureza - Monjolo, Santo Antônio da Patrulha.....	28
Figura 2: Fachada da Pousada Rural Encantos da Natureza - Monjolo, Santo Antônio da Patrulha.....	29
Figura 3: André mostrando sua criação de codornas - Catanduvinha, Santo Antônio da Patrulha.....	31
Figura 4: Alexandre e Rosi mostrando o funcionamento do galinheiro - Taquaral, Santo Antônio da Patrulha.....	33
Figura 5: Renatinho no meio dos canteiros consorciados - Lagoa, Santo Antônio da Patrulha.....	35
Figura 6: Maria Loreci, Seu Zezinho e Felipe – Passo das Moças, Santo Antônio da Patrulha.....	36
Figura 7: Canteiros agroecológicos com ervas medicinais, verduras, frutas e flores da família da Maria Loreci, Seu Zezinho e Felipe – Passo das Moças, Santo Antônio da Patrulha.....	37
Figura 8: Reaproveitamentos na busca da sustentabilidade. Pousada Rural Encantos da Natureza – Clédis e João - Monjolo, Santo Antônio da Patrulha.....	42
Figura 9: Bebedor sustentável – Propriedade de André Pereira - Catanduvinha, Santo Antônio da Patrulha.....	43
Figura 10: Coleta de água da chuva e canteiros agroecológicos – Sítio Arvoredo – Alexandre e Rosi, Taquaral, Santo Antônio da Patrulha.....	43
Figura 11: O protagonismo da mulher agroecológica. Dona Maria Loreci – Passo das Moças, Santo Antônio da Patrulha.....	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	METODOLOGIA	17
3	O RURAL E OS NEO-RURAI.....	19
4	AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL	22
5	O MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA.....	24
5.1	HISTÓRIA.....	25
5.2	AGRICULTURA DE BASE ECOLÓGICA EM SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA	26
6	OS NEO-RURAI AGROECOLÓGICOS DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA	27
6.1	DONA CLÉDIS E SEU JOÃO.....	27
6.2	ANDRÉ	30
6.3	ALEXANDRE E ROSI.....	32
6.4	RENATINHO E FABIANE.....	34
6.5	MARIA LORECI, ZEZINHO E FELIPE.....	36
6.6	SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAI (STRSAP)_ – REPRESENTANTE SAMUEL SANTOS.....	38
6.7	EMATER SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA – REPRESENTANTE FLADEMIR SCHIMIDT.....	39
7	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	40
7.1	NEO-RURAI, AGROECOLOGIA E O DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL	40
8	CONSIDERAÇÕES	48
	REFERÊNCIAS.....	50
	APÊNDICE 1 – Entrevistas.....	54
	APÊNDICE 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	55
	APÊNDICE 3 – Mapa de Santo Antônio da Patrulha e as respectivas propriedades entrevistadas.....	56

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas têm crescido o número de pessoas que saem dos centros urbanos e escolhem os espaços rurais como ambiente para moradia e trabalho.¹ O neoruralismo ou novo rural (GIULIANI, 1990; CARNEIRO, 2008; MOREIRA, 2012), é um movimento que ressignifica a própria concepção de rural, bem como as práticas desenvolvidas neste ambiente não mais somente associado às atividades agropecuárias.

Minha motivação para a realização do estudo está no fato de junto com minha família, fazer parte do grupo dos neo-rurais. Nasci longe da capital, num ambiente urbano de interior. Meu contato com “o rural”, “a colônia”, ocorria nas visitas esporádicas aos primos e parentes, quando muito pequena, o que fazia com muita felicidade. Já mais tarde, devido ao trabalho dos meus pais, a capital foi nossa morada por alguns anos. Aos oito anos, participar dos escoteiros e ir nos finais de semana nos parques era o mais próximo que nós tínhamos de um convívio com a “natureza”. A palavra natureza entre aspas visa alertar quanto ao fato de separarmos o humano deste contexto. Para Grün (2007), filósofo que estuda a questão ambiental e o desenvolvimento sustentável, a natureza foi transformada em mero objeto de manipulação à disposição da razão humana ao longo dos últimos 300 anos, numa completa separação entre humanos e ambiente.

Com o objetivismo de Galileu, o mundo real tornou-se algo totalmente fora do ser humano [...], a Natureza tornou-se meramente o espaço em que circulam os corpos e onde se relacionam uns com os outros. [...] Com Galileu podemos assistir a uma “dissolução” da natureza e de suas qualidades sensíveis em aspectos mensuráveis, traduzidos e quantidades. (GRÜN, 2007, p. 43)

Desta forma, a definição de natureza utilizada neste estudo pretende fazer referência ao meio onde existe maior abundância de seres animais e vegetais, bosques, pequenas florestas e campos, porém sem a visão de separação entre ser humano e natureza, visto que fazemos parte dela, como seres vivos e atuantes, tanto quanto os outros seres vivos, animais ou vegetais, do qual dividimos esta morada chamada planeta Terra.

Assim, com cerca de doze anos, devido ao estresse e problemas de saúde gerados pelo trabalho, meus pais deram uma guinada na vida e resolveram largar tudo na cidade, comprar um pequeno pedaço de terra e viver do que pudessem produzir através dela. Daí pra diante passei a viver entre plantas e animais, num estilo bem diferente de vida do anterior. Aqui começava a mudar minha noção de rural, pois viver no e do campo é muito diferente de

¹ Neste trabalho os termos campo e rural, urbano e cidade serão utilizados como sinônimos.

apenas visitar. Os desafios e aprendizados eram diários, já que tudo era novo, exigindo certo autodidatismo. Plantar, colher, criar, eram saberes que tinham que ser adquiridos, tanto na prática quanto nos livros. Nossas concepções de vida, práticas e saberes diferenciavam-se bastante dos vizinhos e geravam certo estranhamento, éramos os estranhos no ninho. Por tudo isso nossa adaptação ao mundo rural foi gradual, mas a vontade de viver de modo mais simples era e continua sendo, mais forte. Nestas idas e vindas que me trouxeram até aqui, conheci outros que assim como meus pais trocaram a cidade pelo campo, mas mais do que isso, procuram formas de viver neste espaço com mais qualidade de vida e por isso desenvolvem práticas mais interligadas com o meio, como a Agroecologia, mobilizando instituições de âmbito rural e exigindo posturas frente ao novo cenário.

Em Santo Antônio da Patrulha, um dos municípios mais antigos do Estado, de tradição agropecuária, originado de um importante posto de cobrança de impostos (patrulhas) sobre o gado que ia às minas, o movimento dos neo-rurais está presente, englobando desde agricultores/as familiares participantes das feiras do município até grandes produtores. A adoção de práticas agroecológicas, um dos focos deste estudo, parece estar associada com os motivos que os levam ao meio rural, indo desde uma espécie de retorno às vivências infantis, nas propriedades de seus familiares, passando pela procura por um modo mais saudável de vida, com preocupação e ressignificação quanto a alimentação e o próprio trabalho, até a visão de um potencial produtivo que considera as questões ambientais, sociais e culturais.

Assim, passa a ser importante entender como estas novas ruralidades se apresentam em Santo Antônio da Patrulha. Quem são estes novos rurais agroecológicos e o que os motiva a trocar o urbano pelo rural? Como surgem suas práticas e métodos e as consequências para o desenvolvimento rural sustentável? Ao mesmo tempo, este novo perfil de agricultores e agricultoras gera desafios para as instituições e agentes promotores do desenvolvimento rural (prefeitura, sindicato, órgãos de extensão rural como a Emater, etc), que precisam adaptar as suas práticas para atender estas novas demandas e até mesmo novas mentalidades em jogo.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo compreender como o modo de vida agroecológico dos neo-rurais de Santo Antônio da Patrulha influencia o desenvolvimento rural sustentável. Como objetivos específicos, conhecer os neo-rurais agroecológicos de Santo Antônio da Patrulha, desde a motivação pela escolha do meio rural até da adoção de práticas agroecológicas; entender suas práticas, métodos, concepções e discursos e como elas influenciam no desenvolvimento rural sustentável; elencar as instituições, grupos e parcerias que trabalham no âmbito do desenvolvimento rural acessadas por estes atores, bem como

compreender como as entidades percebem os neo-rurais e estes últimos influenciam nas atividades destes órgãos.

Este trabalho está estruturado de forma a fazer o leitor entrar no universo dos neo-rurais agroecológicos de Santo Antônio da Patrulha. Assim, após esta breve introdução, o capítulo 2 traz a metodologia da pesquisa, explicitando desde a abordagem adotada, o público-alvo, os procedimentos para coleta e análise dos dados, até as questões éticas da pesquisa. Nos capítulos 3 e 4, temos as revisões bibliográficas, trazendo subsídios teóricos para os assuntos em pauta, versando sobre o rural e as novas ruralidades, a Agroecologia e o Desenvolvimento Rural Sustentável. Já o capítulo 5 fornece dados do município em questão, Santo Antônio da Patrulha, bem como traz um apanhado geral de sua história, contextualizando o ambiente. No capítulo 6, são apresentados os atores sociais e entidades entrevistadas, com descrições das entrevistas e vivências realizadas. Após, no capítulo 7, apresentamos a discussão dos resultados, relacionando o referencial às práticas percebidas. Para finalizar, as considerações sobre o estudo, desafios e perspectivas para o futuro.

2 METODOLOGIA

Por tratar-se de uma pesquisa que envolve interlocutores reais, bem como suas concepções de mundo que se materializam nas suas práticas e métodos, foi adotada uma abordagem qualitativa, pois “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2002, p. 21-22).

Este estudo foi direcionado aos moradores das localidades entendidas como rurais do município de Santo Antônio da Patrulha, o que lhe enquadra numa pesquisa aplicada quanto a sua natureza. Já com relação aos objetivos, classifica-se como exploratória, que visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito (GIL, 2008.)

Para sua efetivação, foram adotados procedimentos de pesquisa que buscavam adentrar nos discursos e práticas dos atores, envolvendo o pesquisador no mundo dos atores participantes. Desta forma, foi realizada uma pesquisa de campo, com entrevista semi-estruturada e observação participante. A observação participante fornece elementos sobre as realidades dos atores sociais onde “o observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face [...]”. Sua importância está na “variedade de situações e

fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real” (MINAYO, 2002, p. 59-60). Já com as entrevistas semi-estruturadas (anexo 1), “[...] técnica que se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala [...]” (MINAYO, 2002, p. 57), pretende-se obter elementos tanto subjetivos quanto mais palpáveis e diretos, que possam auxiliar na identificação de possíveis respostas para o problema de pesquisa.

No estudo em questão, foram selecionadas cinco famílias que se enquadravam nas características desejadas, ou seja, neo-rurais agroecológicos. Para isso, foi realizado um levantamento dos possíveis atores através de conversas com um representante da Emater e Sindicato dos Trabalhadores Rurais, órgãos que trabalham com agricultores/as. Posteriormente, visando reduzir o universo de participantes e chegar ao número desejado, adotei os seguintes critérios: participar ativamente das atividades de mais de um órgão supracitado; estar vinculado a algum grupo, entidade ou associação relacionado a Agroecologia; ser uma referência na sua área de atuação ou comunidade, o que lhe confere um grau de diferenciação dentre os outros neo-rurais, como adoção de métodos/práticas ou empreendimento inovadores. O número de famílias foi escolhido visando um trabalho que prime pela qualidade dos dados e relações realizadas, não pela quantidade de indivíduos ou experiências existentes, o que é coerente com uma pesquisa qualitativa, que “[...] aprofunde-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 2002, p. 22).

Para selecionar as famílias, procedi a uma lista por ordem, levando em consideração o envolvimento dos mesmos mais diretamente nas atividades. Inicialmente foram selecionadas mais famílias, para o caso em que alguma não aceitasse o convite para participar do estudo, porém todas as cinco primeiras foram favoráveis.

Entrei em contato com os neo-rurais para as entrevistas via telefone. Das cinco famílias selecionadas, apenas uma não conhecia, pois como faço parte da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, tenho contato com muitos agricultores/as. Marquei as visitas nas propriedades, onde realizei as entrevistas e conheci as mesmas, acompanhando algumas atividades. Todos foram muito receptivos e mostraram-se interessados em participar.

Como já mencionado, a coleta de dados se deu através de entrevistas semiestruturadas com os membros das famílias participantes e observação de suas rotinas e práticas, visando uma aproximação e um melhor entendimento das concepções e práticas adotadas. As duas formas foram escolhidas pelo entendimento de que são complementares, visto que uma

simples entrevista, mesmo que minuciosa, não dá cabo de fornecer certos elementos que uma ação livre, no cotidiano, acaba deixando transparecer. Também foram realizadas entrevistas aos representantes de instituições, grupos e parcerias que trabalham no âmbito do desenvolvimento rural no município, escritório da Emater e Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

O procedimento adotado para a análise dos dados obtidos foi a análise de conteúdo, uma metodologia que fornece uma compreensão mais apurada, numa reinterpretação das mensagens advindas das falas do público-alvo (MORAES, 1999). Dentro desta abordagem,

a compreensão do contexto evidencia-se como indispensável para entender o texto. A mensagem da comunicação é simbólica. Para entender os significados de um texto, portanto, é preciso levar o contexto em consideração. É preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem. (MORAES, 1999, p.1)

Para isso, além da transcrição das entrevistas e contextualização dos entrevistados, que constituem a descrição, foi realizada a classificação dos dados obtidos através de eixos temáticos, visando agrupar os assuntos que vierem à tona. Posteriormente, a interpretação foi realizada com base nas referências que embasam esta pesquisa, versando sobre os temas envolvidos. No entanto, vale ressaltar que “teorização, interpretação e compreensão constituem um movimento circular em que a cada retomada do ciclo se procura atingir maior profundidade na análise (MORAES, 1999, p.1)”. Seguiu uma abordagem a nível latente, pois pretendeu-se captar os sentidos implícitos e, partindo da informação manifesta nas falas, dirigir-se à intenção do autor (MORAES, 1999).

Quanto as questões éticas, foi preservada a identidade dos atores quando estes assim o quiserem, bem como foi fornecido um termo de consentimento para esclarecimento (anexo 2) e a publicação de dados pessoais só ocorreu mediante a autorização e aprovação dos participantes.

3 O RURAL E OS NEO-RURALS

Antes de tratar dos neo-rurais, temos que primeiramente entender o que é o rural. Falar em rural, ruralidades, nos remete a diversas concepções e interpretações, visto que não é um termo fechado em si, mas dialoga com os discursos vigentes em determinada época, que os classificam e legitimam.

Para Lima (2005, p. 45), “em termos de discurso, o rural não é mais o agrícola, é o campo, uma paisagem rural associada à natureza, à memória de uma sociedade camponesa, um patrimônio a preservar. Cai a lógica produtivista e vem à tona a da qualidade de vida” (LIMA, 2005, p. 45). Assim, para além de um rural entendido como espaço físico, com características materializáveis, temos um rural simbólico, que remete a questões culturais e sociais, pois como afirma Carneiro,

[...] não podemos entender a ruralidade hoje somente a partir da penetração do mundo urbano industrial no que era tradicionalmente definido como ‘rural’, mas também do consumo pela sociedade urbano-industrial, de bens simbólicos e materiais (a natureza como valor e os produtos ‘naturais’, por exemplo) e das práticas culturais que são reconhecidos como sendo próprios do chamado mundo rural (1997, p. 158).

Ou seja, criamos um estereótipo de rural que habita nossas mentes, baseado em discursos que recriam e retroalimentam-no.

Em Brandenburg (2010), que identifica três momentos da ruralidade (tradicional, moderno e socioambiental), o rural é tratado de formas distintas pelos estudiosos e suas definições estão associadas à história da ocupação do território, de suas formas sociais de produção e de organização social. Para o autor, no Brasil, “a história da ocupação do território foi uma história de lutas e tensões sociais” (BRANDEMBURG, 2010, p. 417).

Já Moreira (2012) defende que “nos debates brasileiros, o rural tende a ser visto como um modo particular de utilização do espaço e da vida social: de um lado, como lugar de domínio da grande produção e do agronegócio e, de outro, como espaço da vida social camponesa” (MOREIRA, 2012, p. 253).

Diretamente associado ao rural está o campo, a natureza, os recursos a disposição do ser humano para satisfazer suas necessidades, o espaço para a produção de matérias-primas, o setor primário, aquele ambiente afastado, de difícil acesso e pouca infraestrutura, desprovido de recursos. Numa relação dual, seu oposto, a cidade, é o “reino” das indústrias, das máquinas, das fábricas, das tecnologias, das facilidades, “das modernidades”.

A transformação da sociedade modificou a visão campo versus cidade, quebrando com estas dicotomias e desassociando do rural a noção de lugar apenas da produção, já que 'rural' e 'urbano' são “representações sociais, conteúdos das práticas de cada sujeito, cada instituição, cada agente na sociedade” (BIAZZO, 2008, p. 144). No entanto, para o mesmo autor, campo e cidade são materializações humanas, formas concretas.

Justamente visando outros aspectos, como o da qualidade de vida, que vemos emergir o rural socioambiental, que Brandenburg (2010) caracteriza como “[...] um rural de múltiplos atores, [...] de espaços e tempos diferenciados” (BRANDEMBURG, 2010, p. 427). É o espaço do neo-rural, personagem que entra em cena como mais um dos elementos deste rural diverso. Formado por “profissionais liberais, aposentados, amantes da natureza, todos eles ex-habitantes da cidade que buscam no campo tranquilidade e paz, mas todos eles com suas referências urbanas e ligados no mundo global” (MEDEIROS, 2017, p. 187).

Em Brandenburg (2010) temos os neo-rurais como agricultores familiares de origem rural que retornam ao campo e concebem um rural “ecologizado, com estilo de vida redefinido, mas que se opõe ao estilo padrão massificado [...]. É um projeto advindo do cotidiano, do mundo da vida dos agricultores e de agentes de desenvolvimento [...], uma reação à dominação exclusiva da racionalidade instrumental do projeto modernizador excludente” (BRANDEMBURG, 2010, p. 426).

Já Alberto Feiden (2001, p. 11), numa publicação da EMBRAPA sobre Conversão de Sistemas de Produção Convencionais para Sistemas de Produção Orgânicos (Documentos 139), define os neo-rurais como uma “categoria constituída por pessoas do meio urbano, com ou sem antecedentes rurais, que adquirem propriedade rural, a ser explorada em tempo integral ou parcial”.

Com relação ao neo-rural e sua ligação com o campo, Alentejano (2003, p. 11) defende que o rural possui fortes “relações com a terra, tanto do ponto de vista econômico, como social e espacial, [...] embora as formas como estas relações se dão sejam diversas e complexas, [...] tem-se a terra como elemento que perpassa e dá unidade”. Em Vilela (1998), a migração de retorno para o campo, o crescimento de atividades não agrícolas no meio rural, a revalorização da natureza e a ascensão de novos atores sociais recolocaram o campo em evidência. Neste ínterim, a própria sociedade e seus atores vão transformando as formas de lidar com estes significados e suas materializações, pois

à medida que a noção de ruralidade incorpora o meio natural como um valor a ser preservado — e não como um obstáculo que o progresso agrícola deve fatalmente remover —, vão ganhando força as políticas e as práticas produtivas voltadas para a exploração sustentável da biodiversidade (ABRAMOVAY, 1998, p. 15).

Desta forma, entra em discussão outras maneiras de se conceber e fazer agricultura, bem como perceber sua relação com o desenvolvimento rural, visando a sustentabilidade, como a Agroecologia.

4 AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

Na sociedade em que vivemos, falar em desenvolvimento e sustentabilidade é um desafio da atualidade, ainda mais quando unimos estes dois termos em um único significado, como em desenvolvimento sustentável. Para além de definições, é ainda mais provocativo colocar em prática ações que enquadrem-se e sejam de fato exemplos.

Dal Soglio alerta que “o conceito de sustentabilidade tem sido muito discutido e, acima de tudo, muito mal empregado; é visto frequentemente mais como uma estratégia de marketing do que como uma meta a ser alcançada (DAL SOGLIO, 2009, p. 18)”.

Quanto ao desenvolvimento, vários estudiosos têm dedicado-se a área, pois é “um fenômeno de natureza social marcado pela controvérsia quanto às suas formas de concepção e de aferimento (CONTERATO; FILLIPI, 2009, p.11).”

Partindo do entendimento de desenvolvimento como um processo multifacetado e permanente, que “só existe como tal na medida em que passa a ser percebido como uma situação que promove mudanças em determinada coletividade humana” (CONTERATO; FILLIPI, 2009, p.11) e que deve levar em conta as questões históricas, culturais, ambientais, subjetivas e os envolvidos nesta trama de relações, faz-se necessário a articulação destes fatores.

Ao pensarmos em desenvolvimento atrelado ao meio rural, nosso foco de estudo, é importante entender a complexidade presente neste contexto, que tem como característica fundamental a diversidade

[...] de ecossistemas, populações, culturas, sistemas produtivos, formas de organização social e política etc. E a diversidade não é apenas distintiva do rural, mas é o seu patrimônio. Algo a ser valorizado e não minimizado ou destruído. A força do rural, inclusive da perspectiva estritamente econômica de geração de emprego e renda, depende da capacidade de aproveitar as potencialidades dessa diversidade e de utilizá-las de forma sustentável (DELGADO, 2010, p. 41).

No tocante a sustentabilidade, a própria é resultante da consideração dos aspectos sociais, ambientais, econômicos e culturais. O MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), afirma que “a sustentabilidade envolve desenvolvimento econômico, social e respeito ao equilíbrio e às limitações dos recursos naturais.[...]”² No entanto, perceber esta intrincada rede exige uma mudança paradigmática frente a hegemônica visão linear e reducionista assumida pelas ciências cartesianas, herança moderna. Assim, para a concretização de uma agricultura sustentável, necessitamos de novas bases fundantes, que ressignifiquem as noções de desenvolvimento, economia, agricultura e a infinidade de outros elementos que interagem e se entrecruzam neste espaço nada fragmentado, numa perspectiva ecológica.

Levando em conta estes quesitos, penso que nenhuma tentativa de alavancar o desenvolvimento rural deve ser vista de forma isolada ou linear, pois todo desenvolvimento “opera como uma rede de co-desenvolvimentos interdependentes. Sem esta rede não há desenvolvimento” (VEIGA, 2005, p.52). Também é fundamental conceber e promover o desenvolvimento sustentável, a partir da realidade local e das necessidades, recursos e iniciativas daqueles que estão envolvidos, de uma forma multifacetada e complexa. Segundo Casado, Sevilla-Guzmán & Molina (2000 apud SANTOS, 2009, p. 129), “a sustentabilidade e as estratégias de desenvolvimento devem ser definidas a partir da participação e da identidade de cada localidade.”

Outro aspecto de extrema importância que deveria balizar as propostas, planos e projetos de desenvolvimento, é a busca de um equilíbrio entre as vantagens e as desvantagens de determinadas ações, não considerando somente os aspectos econômicos. Estudar os impactos das ações humanas, reconhecendo os outros elementos da equação, nos remete a um entendimento menos individualista e pontual de desenvolvimento, rumo a uma visão mais global. Conforme Dal Soglio,

[...] desenvolvido não é o sistema mais rico, mas o mais equilibrado e sustentável. Nele, as diferentes espécies que o compartilham e as diferentes populações humanas que o habitam interagem de diferentes formas; e o resultado é a qualidade de vida e as perspectivas de futuro que em tal ambiente se encontram (DAL SOGLIO, 2009, p.16).

Para isso, podemos contar com as contribuições da Agroecologia, concebida por Caporal (2009) como novo campo de estudos científico, com abordagem holística e visão

² DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimento-sustentavel>>. Acesso em: 18 jan 2017.

sistêmica, que vai muito além de um modelo alternativo de agricultura, buscando de uma forma pluralista integrar saberes populares e diferentes ciências. Desenvolvimento, agricultura, natureza, ambiente e seres vivos não estão desconectados e são vistos a partir de outras óticas. Uma nova visão de economia também ganha corpo, que vai além do lucro e da produtividade momentânea, voltando sua preocupação com as pessoas envolvidas no processo, valorizando suas crenças, saberes e relações com a natureza. Caporal entende que para um agir ecológico na agricultura, temos que entender a lógica da natureza presente nos ecossistemas, respeitando suas relações e interações, onde quanto mais complexo for o sistema, mais sustentável ele se torna. A partir das bases epistemológicas da Agroecologia, existem quantas agricultura forem possíveis, dependendo dos agroecossistemas e das pessoas que as dão vida, o que denota uma atitude mais humanista e ética nas estratégias e práticas de desenvolvimento rural. Desta forma, temos que partir do local, com suas devidas peculiaridades, contextualizando as necessidades, atores sociais, meio, ferramentas e recursos disponíveis, condições ambientais, sociais, na busca de equilíbrio dentro do agroecossistema. Tendo como referência o nível micro, ou seja, localidade, família, unidade produtiva, vamos abrindo espaço rumo a uma visão macro, abrangente e complexa.

5 O MUNICÍPIO DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA

O local de análise, município de Santo Antônio da Patrulha, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), possui uma área territorial de 1.049,807 km² , 39.685 mil habitantes e índice de desenvolvimento humano municipal de 0,717 em 2010, mas com população estimada em 2017 de 42.333 habitantes. Quanto a situação domiciliar os dados apontam 28.114 pessoas na zona urbana e 11.571 na rural.

Apresenta os dois biomas existentes no Rio Grande do Sul: Mata Atlântica, caracterizado pelo predomínio de vegetação florestal e o Pampa, símbolo do Estado gaúcho, com vegetação de campo em relevo de planície (SAP-Câmara, 2017). Observamos campos mais baixos, de várzea e o planalto. Nas áreas de várzea temos a presença de matas nativas devastadas, mata ciliar reduzida, plantações de eucalipto, pequenos bosques de taquaras e plantas nativas isolados em meio ao campo, reservado predominantemente à pastagem.

O Clima é subtropical, apresenta as quatro estações do ano bem definidas, com um inverno relativamente rigoroso e bastante úmido. A temperatura média anual é de 20°C, sendo a média das temperaturas máximas de 23,8°C e a média das mínimas de 15,4°C, a temperatura

máxima absoluta é 38,4°C e a mínima de 0°C. Quanto ao regime de chuvas, o mês mais chuvoso é o de setembro, sendo abril e maio os meses de menor precipitação. Já os ventos predominantes vem da direção norte, com velocidade média de 60 km/h (SAP-Câmara, 2017).

Quanto a hidrografia, a região é bem servida de açudes e pequenas represas, utilizados para a irrigação das lavouras arborescentes e outras culturas, criação de peixes e fonte de água para o gado. O solo pode ser descrito genericamente como argissolo, nas várzeas apresenta-se como areno/argiloso e nos morros como argiloso/arenito (PORTAL PRÓ SINOS, 2017).

5.1 HISTÓRIA

Valendo-se dos estudos de Maciel Junior (1970), temos um panorama do município, que é um dos mais antigos do Rio Grande do Sul, de tradição açoriana. Em 1632 o gado foi introduzido nos campos gaúchos pelo jesuíta Cristóvão Mendonza, a partir daí, ficou solto, espalhando-se, reproduzindo-se e aproveitando-se dos fartos campos da região. No início do século XVIII, devido a descoberta de ouro no sudeste, o gado começou a ser conduzido para a região das minas. De 1731 a 1732 Cristóvão Pereira de Abreu abre uma estrada (Estrada Real, Estrada das Tropas, Estrada de Viamão, Estrada Caminho do Sertão, Estrada de Sorocaba, Caminho da Serra, entre outros) para facilitar o deslocamento com o gado bovino, muar e cavalariço, o que gerou a criação de postos de cobrança e fiscalização por parte da Coroa (Guarda, Registro, Curral da Contagem, Patrulha, etc), que deu origem ao nome da cidade. No entanto, Inácio José de Mendonça e Silva e sua esposa Margarida Exaltação da Cruz são considerados os fundadores do município, pois em 1743 estabelecem-se e constroem uma capela (batizada de Santo Antônio) onde em sua volta surge o povoado que dá origem ao núcleo da cidade.

Contudo, com a abertura da Estrada Real, as áreas do entorno começam a ser ocupadas para moradia dos colonos, que retiravam da terra seu sustento. Nesta época predominava a mão de obra familiar, minifúndio, produção artesanal e escravos trabalhando nas lavouras, voltados a uma produção agrícola para subsistência, com diversidade de produtos, como milho, arroz, batata, mandioca, café, fumo, legumes, forragem para o gado, entre outros e principalmente cana-de-açúcar, visando o abastecimento local (MACIEL JUNIOR, 1970).

Com o tempo, o cultivo de cana-de-açúcar originou engenhos artesanais, sendo uma marca na história do município (produção de açúcar mascavo, rapadura e aguardente). Utilizavam-se da coivara para o preparo do solo, além de tração animal. Um evento marcante é a abertura da AGASA (Açúcar Gaúcho S.A.) em 1965, primeira usina de beneficiamento de

açúcar branco do Rio Grande do Sul, que levou muitos agricultores a abandonar suas produções e dedicar-se apenas ao plantio de cana para venda como matéria-prima. Os autores Brito (2011) e Barroso (2006), nos fornecem um pouco da história da AGASA e de seu impacto para a cidade. Sua instalação teve como objetivo promover o desenvolvimento desta região, que era considerada a mais pobre do Estado, além de aproveitar as condições climáticas e geográficas que faziam de Santo Antônio o maior produtor de cana. No entanto, a adoção da monocultura canavieira gerou grande impacto na paisagem, pois as famílias passaram dos poli cultivos destinados ao consumo às monoculturas para comercialização. Áreas foram devastadas e florestas derrubadas para o plantio das lavouras de cana.

Outra cultura que ganhou destaque foi o arroz, que deu origem a muitas agroindústrias, cultivado nas áreas de várzea que não serviam à cana. A criação de gado também aumentou, pois os criadores podiam aproveitar as partes sem utilidade da cana pelas usinas (parte aérea, as folhas), para a alimentação animal. Os morros e várzeas foram tomados pela cultura da cana-de-açúcar, tanto através das mãos de agricultores/as familiares quanto de grandes empresários do agronegócio. Importante pontuar que estas três culturas, devido ao manejo e aos incentivos mercadológicos, transformam-se em monoculturas, afetando a questão agrária e as condições ambientais.

Com o fechamento da AGASA, no final da década de 80, muitos agricultores que abandonaram os cultivos de subsistência em detrimento da cana “faliram” e foram em busca de emprego nas cidades, nas indústrias, que ganhavam terreno, como as do setor calçadista, metalúrgica ou mesmo no comércio (BARROSO, 2006). Desta forma, o êxodo rural foi fruto de uma ampla e massiva insistência por parte do governo e suas políticas, de transformar o rural em um espaço de produção, não de vida.

Atualmente temos uma diversidade de formas de ver o rural e fazer agricultura convivendo, desde o/a agricultor/a familiar, que usa carros de boi, pequenos ou grandes tratores; moradores do interior que não plantam; neo-rurais em idade produtiva; aposentados; até empresários do agronegócio, que administram suas terras, cultivos e criações de suas moradias na cidade, ou seja, cuidam de seus investimentos como uma empresa, utilizando os pacotes completos da Revolução Verde (maquinário, insumos externos, agrotóxicos, implementos, etc). Também temos poli cultivos, monoculturas altamente mecanizadas e campos abandonados.

5.2 AGRICULTURA DE BASE ECOLÓGICA EM SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA

Não existem estatísticas que comprovem quantas famílias do município são agroecológicas, mas atualmente temos onze propriedades certificadas pela Rede Ecovida e outras tantas em processo de conversão. Conforme matéria disponível na Revista Comemorativa dos Cinquenta anos do Sindicato (2016), o trabalho com Agroecologia no município iniciou com um projeto promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Antônio da Patrulha (STRSAP) denominado Projeto Propriedade Destaque, do qual originou-se a primeira feira da agricultura familiar do município, a AGRISAP. A partir daí, a Agroecologia começou a estar presente nas reuniões dos feirantes, dos novos participantes das outras edições do projeto e recentemente do grupo da Rede Ecovida.

6 OS NEO-RURAI AGROECOLÓGICOS DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA

6.1 DONA CLÉDIS E SEU JOÃO

Visitei a Pousada Rural Encantos da Natureza³ (figura 1 e 2), dos proprietários Clédis e João, um casal muito simpático e acolhedor, que contou um pouco da sua história. Ambos são filhos de agricultores, ele nascido e criado em Santo Antônio da Patrulha e ela de Pelotas. Seu João cresceu plantando e ajudando seu pai na roça, desde cana-de-açúcar para a extinta AGASA, aipim para o gado e para as tafonas, até fumo para a Souza Cruz. Na adolescência, deixou a roça e buscou outras perspectivas na cidade. Já Dona Clédis, apesar de vir do interior, não tem muitas vinculações com as lidas do campo. Os dois, já com 29 anos de companheirismo, tiveram por muitos anos empregos autônomos, como comerciantes. Num dado momento, ambos foram trabalhar em firmas. Como as condições não se mostraram muito favoráveis, novamente voltaram a ser autônomos e abriram uma hotelaria no litoral. No entanto, buscando uma maior qualidade de vida, voltam as terras de origem do seu João e fundaram a pousada rural.

³ Disponível em: <https://www.encantosdanatureza.com/>

Figura 1: Pousada Rural Encantos da Natureza - Monjolo, Santo Antônio da Patrulha



Fonte: Pousada Encantos da Natureza, 2017.

A propriedade possui 5 hectares e quase 500 m² de área construída, com dez quartos para hóspedes e um amplo salão e cozinha. Patos, galinhas, vacas, bois, cavalos, cachorros e uma simpática coelhinha dão o ar de vida rural e proporcionam aos turistas uma vivência própria. Placas com mensagem criativas, reflexivas e entusiasmantes recebem e acolhem os turistas.

Figura 2: Fachada da Pousada Rural Encantos da Natureza - Monjolo, Santo Antônio da Patrulha



Fonte: Pousada Encantos da Natureza, 2017.

O projeto da pousada foi estudado e planejado com o auxílio dos filhos, todos com formação superior, uma administradora, uma turismóloga e um biólogo, que reforçam esta equipe. Há apenas seis meses desde que foi inaugurada a pousada, mas o saldo já é considerado positivo, pois já conquistaram a confiança dos vizinhos, comunidade e hóspedes. Esta preocupação com a comunidade é presente e está expressa no próprio planejamento da pousada. Produtos dos agricultores vizinhos são disponibilizados para venda aos turistas na pousada, bem como as atrações da comunidade são visitadas, como grutas, cascatinha, igreja, etc. Dona Clédis e Seu João falaram com muito entusiasmo de uma parceria com um vizinho que possui carreta de boi, onde cada turista pagava um valor para um pequeno passeio até uma cascatinha localizada perto da pousada, mas não em suas dependências. Apesar de o dinheiro obtido ficar integralmente com o dono da carreta, que obteve uma renda nem imaginada antes da vinda da pousada, a pousada se favorece do momento único

disponibilizado para os turistas, que se levar em conta a euforia pós passeio, voltarão para prestigiar, além de reforçar a parceria com o vizinho e amigo local.

Fica evidente na fala de ambos o amor pela natureza e pelos animais, pela vida simples e por uma maior qualidade de vida. Dividem seu tempo entre a administração e os afazeres da pousada e as lidas do campo, como os plantios de verduras, frutas, cultivos anuais, manutenção de jardim, além das criações. “A gente não pára nunca, mas é diferente de trabalhar para os outros ou na cidade... A sensação é outra” (Entrevistada Clédis).

Quanto às interações com os órgãos de desenvolvimento rural, são sócios do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, na figura do Seu João, e a família conta frequentemente com o auxílio da Emater. Apesar de no começo existir um certo receio por parte da Emater na efetivação e sucesso do empreendimento, sempre foram e continuam parceiros dos proprietários. Quanto a prefeitura, os proprietários recentemente buscaram o auxílio para a obtenção de alguns materiais para ajudar na infraestrutura da pousada, como saibro, canos de esgoto e cascalhos.

Para finalizar, cito uma frase retirada das redes sociais⁴, que sintetiza o sentimento transmitido pelos relatos destes neo-rurais que já transformam não apenas o ambiente onde vivem, mas algumas concepções e discursos arraigados no campo e na cidade, que costumam diferenciar trabalho de lazer: “Trabalhe no que você ama e você nunca precisará trabalhar na vida!” (POUSADA, 2017).

6.2 ANDRÉ

Visitei o André numa tarde chuvosa, onde conversamos um pouco sobre sua história, sua propriedade e a criação de codornas. O anfitrião, André Pereira, é morador da comunidade de Catanduvinha. É formado em Zootecnia pela Universidade Federal de Santa Maria, além de ter curso técnico e especialização em Turismo Rural. Seus pais são naturais de Uruguaiana, na fronteira. Quando jovem trabalhava junto com seu pai com seleção genética de bovinos de corte, para fazendeiros e empresários do ramo da carne, em todo o Brasil e fora dele também. Com o tempo, começou a questionar a visão produtivista que norteava seu trabalho, o que o faz desistir de prestar serviços para os outros e buscar uma propriedade onde pudesse viver em harmonia com a natureza, de forma mais saudável. Procurou se desapegar das coisas

⁴ **Pousada Encantos da Natureza.** Disponível em: <https://www.facebook.com/pousadaencantosdanatureza/> Acesso em: Julho/2017.

puramente materiais, da superficialidade, pois cansou do capitalismo selvagem, do ciclo vicioso de ter, aparentar e ostentar.

A propriedade possui 2,5 hectares e o carro-chefe é a criação de codornas para venda de ovos, contando com cerca de 1500 codornas (figura 3). Também tem açude, horta e pomar, além de auxiliar seus pais na criação de cavalos crioulos e galinhas.

Figura 3: André mostrando sua criação de codornas - Catanduvinha, Santo Antônio da Patrulha



Fonte: S.P.Paz, 2017.

Palavras como bem-estar, qualidade de vida e reconexão com a natureza estão presentes nos seus discursos. “Busco o meu equilíbrio na natureza” (Entrevistado André). O rural, o campo, para ele não significa um isolamento da cidade, mas uma aproximação com nosso próprio eu. “Quando eu vou na cidade eu fico tonto” (Entrevistado André). Em sua visão a maioria das pessoas não respeita a natureza, os animais, nem a si próprio. Como valoriza o uso das ervas medicinais, de técnicas alternativas e define-se como um índio, cultuando o Xamanismo, enfrenta resistências pelo seu modo de pensar e até mesmo o

preconceito, visto que está inserido numa comunidade de agricultores conservadores⁵, em sua maioria de descendência europeia e católica.

Quanto aos órgãos de desenvolvimento rural, como sindicato e Emater, André é sócio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Em relação a prefeitura, está legalizando sua produção de ovos, mas vem esbarrando nas leis que não auxiliam em nada a vida do pequeno agricultor. Relata alguns conflitos com os órgãos de fiscalização, pois suas concepções não estão alinhadas com as da legislação. Diz que o próprio fato de ser uma pessoa com estudo e entendimento é visto com ressalva pelos mediadores institucionais, como uma afronta as suas ações, já que tenta argumentar e se vale de pesquisas para rebater suas exigências.

Senti da sua parte um misto de indignação e vontade de mudanças, que parecem ser as molas impulsionadoras dos projetos observados, dando coragem para seguir novos caminhos e desafiar preconceitos já tão arraigados.

6.3 ALEXANDRE E ROSI

Fui recepcionada pelo casal Alexandre Silveira e Rosilene Reuter numa tarde quente, onde contaram-me sua história de vida e os motivos que os trouxeram ao campo, além da entrada na rede Ecovila de Agroecologia, para a certificação participativa de suas produções.

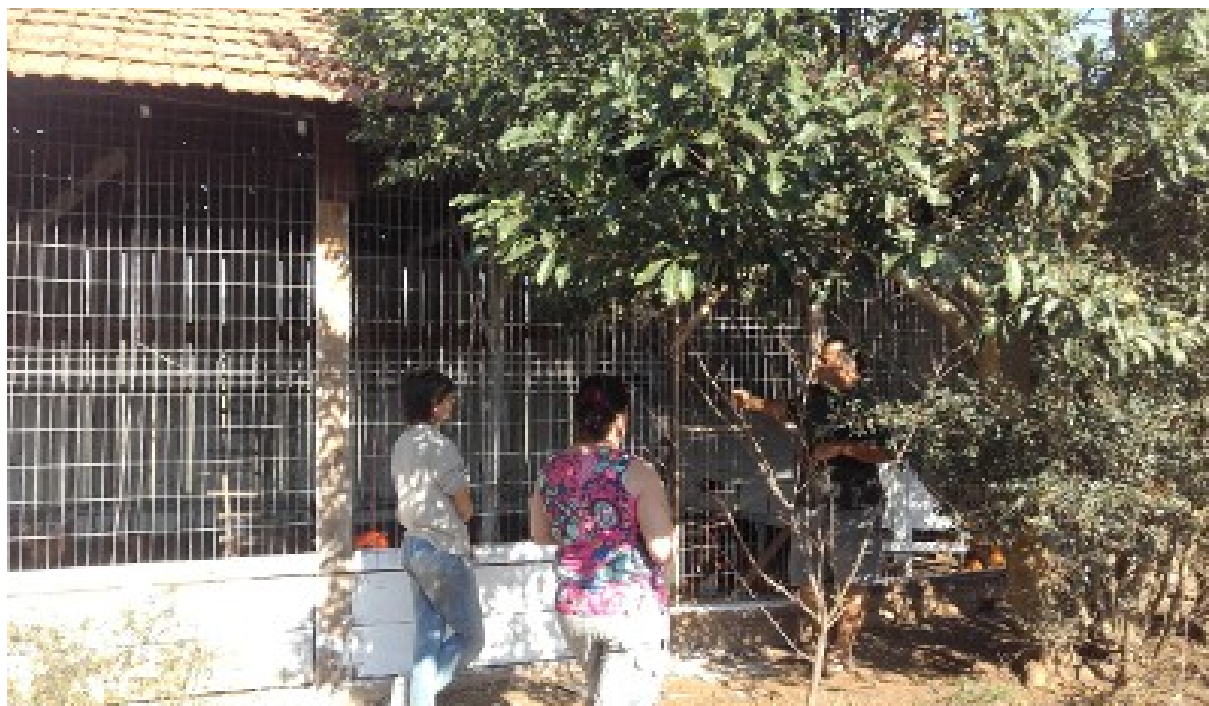
O casal reside na comunidade do Taquaral, em Santo Antônio da Patrulha. Ele é natural do município, mas foi morar fora aos 17 anos, enquanto ela é do Paraná. Moravam em Novo Hamburgo, onde Alexandre trabalhava no ramo da construção civil e ela no setor calçadista. Sonhavam em ter uma propriedade rural para desfrutar ao se aposentarem, mas por questões de saúde e por uma oportunidade que surgiu, adiantaram sua realização. Fugir da correria da cidade e buscar a tranquilidade foram seus maiores motivadores.

Possuem uma propriedade de 2ha e mais 1,5ha arrendados. Dedicam-se a criação de galinhas para produção de ovos como carro-chefe (figura 4), mas também cultivam verduras e fazem massas para vender, além de plantar milho, aipim, fazer leite, queijo, doce de leite, geleias, chimias e sucos para o consumo e venda do excedente. Produzir primeiramente para o consumo e depois para ter sua renda é uma das “leis” da casa, além de consumir tudo o que plantam, não plantar o que não comem ou não gostam e priorizarem a família e a continuidade das atividades. Para o casal, “viver no campo é uma oportunidade de plantar o seu próprio

⁵ Neste trabalho será utilizada a expressão “agricultor conservador ou convencional” no sentido atribuído aquele que adotou o modelo convencional, dentro do processo da modernização conservadora referido por Paulus, Müller e Barcellos (2000), como maquinários, insumos, sementes modificadas. Vale lembrar que por ser um processo, não temos agricultores puramente conservadores, convencionais ou mesmo tradicionais, mas justamente um misto de todos.

alimento e colher qualidade de vida, além de agregar uma tranquilidade que não se encontra na cidade” (Entrevistados Alexandre e Rosi).

Figura 4: Alexandre e Rosi mostrando o funcionamento do galinheiro - Taquaral, Santo Antônio da Patrulha



Fonte: S.P.Paz, 2017.

Quanto às instituições parceiras no âmbito do desenvolvimento rural, o casal é associado ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, fazendo parte da feira dos agricultores familiares (AGRISAP), que ocorre no pátio do sindicato aos sábados. Também participam da feira dos produtores rurais, nas sextas, sendo esta ligada à prefeitura. São bem ativos, estando presentes na maioria dos cursos, capacitações e saídas de campo, devido a sua relação próxima com a Emater e a prefeitura. Como agricultores orgânicos, recentemente começaram a fazer parte da Rede Ecovida de Agroecologia, núcleo Litoral Solidário.

Quando questionados sobre os temas natureza, desenvolvimento sustentável e orgânicos, entendem que todos tem relação, mas que na prática ainda existe muita confusão. Como exemplo, Alexandre citou que muitos vão para os orgânicos não para proteger a natureza ou visando a saúde, mas pelas questões de mercado. Além disso, pensa que o consumidor também precisa ser conscientizado, para que realmente o agricultor possa ser valorizado. Percebem que como neo-rurais suas concepções são diferenciadas, se comparadas às dos agricultores conservadores, que “vivem para trabalhar e vender e ganhar dinheiro” (Entrevistado Alexandre), muito semelhante em alguns aspectos as dos moradores da cidade.

Entende que talvez o fato de ter de tirar o sustento todo da “terra”, o agricultor acaba também refém, numa relação viciosa, deixando de lado ou não conseguindo entender estas relações mais amplas.

6.4 RENATINHO E FABIANE

José Renato, mais conhecido como Renatinho, é morador da comunidade denominada Lagoa. Nascido em Santo Antônio da Patrulha e com pais e avós agricultores, se criou com o “pé na terra”, mas aos 20 anos deixou o campo e alçou voos. Inicialmente trabalhou com serviços relacionados a agropecuária, mas foi como caminhoneiro que acabou vivendo a maior parte do seu tempo como trabalhador urbano. Aos 34 anos, cansado de tantas viagens e de “viver como nômade” (Entrevistado Renatinho), decidiu abandonar a cidade e voltar as raízes. Sua propriedade é bastante diversificada, tendo desde criação de animais como gado, porcos e galinhas, abelhas, até estufa, horta consorciada (figura 5) e um farto e variado pomar. No entanto, o principal cultivo é a cana-de-açúcar, onde trabalha em parceria com seu pai.

É casado com Fabiane, que é professora no município vizinho e apesar de apoiar o marido nas atividades, não é muito das lidas do campo.

Renatinho afirma que sempre se sentiu um “peixe fora da água” (Entrevistado Renatinho) na cidade e que viver lá significa “comprar e vender, ou se vender para comprar”! Para ele, o campo representa a liberdade, as amizades verdadeiras, o contato com a natureza, entendida como todo o ecossistema, incluindo plantas, animais, água, humano, etc.

Figura 5: Renatinho no meio dos canteiros consorciados - Lagoa, Santo Antônio da Patrulha



Fonte: S.P.Paz, 2017.

Quanto as suas práticas agrícolas, procura fazer “o mais orgânico possível, respeitando a natureza” (Entrevistado Renatinho). Utiliza como insumos o biofertilizante super-Magro, terra de mato e esterco de animais de criação própria. Como não consegue ainda retirar tudo da propriedade, compra esterco de fora e casca de arroz, este último um subproduto comum na região, para devolver um pouco de matéria orgânica ao solo.

Renatinho faz parte da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município e ano passado participou de um projeto denominado Propriedades em Destaque, onde foi premiado com uma viagem de intercâmbio para Santa Rosa de Lima, Santa Catarina.

Questionado sobre desenvolvimento sustentável, entende como aproveitar tudo que uma propriedade pode fornecer, associando mais de uma coisa, como os consórcios, cultivos protegidos, biodiversidade, abelhas, sementes crioulas, saberes populares, mas ainda vê isso como uma coisa futurística, pouco colocada na prática.

Renatinho e sua esposa Fabiane são meus amigos praticamente desde que viemos para Santo Antônio da Patrulha, em 2014. Além da chácara, possuem uma casa próxima, dividindo seus cultivos e criações nas duas áreas, salvo as devidas proporções. Recepcionaram-me para

a pesquisa pela tarde com um favo de mel puro. Após a visita na chácara, fomos a casa para a entrevista em si, sendo recebida com um excelente jantar.

6.5 MARIA LORECI, ZEZINHO E FELIPE

O casal Maria Loreci e seu Zezinho (figura 6) têm uma propriedade de 8,5 ha no Passo das Moças, onde junto com seu filho Felipe, apresentam uma grande diversidade de produção, primeiro para consumo e posteriormente para venda, como aipim, ovos, verduras, leite, banana, abacaxi e mais recentemente panificados (pães, cucas). Estes últimos vendem na feira do agricultor familiar (AGRISAP), no pátio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, já que Dona Loreci é associada.

Figura 6: Maria Loreci, Seu Zezinho e Felipe – Passo das Moças, Santo Antônio da Patrulha



Fonte: S.P.Paz, 2017.

Ambos nasceram no interior, mas na juventude foram trabalhar na cidade para ganhar dinheiro. O retorno ao campo era um desejo que os acompanhava. “A gente foi para a cidade, mas sempre com a vontade de voltar” (Entrevistada Maria Loreci). Queriam parar de correr

atrás de dinheiro, uma vida diferente, onde pudessem plantar para o autoconsumo e depois a venda, mas deixar de consumir tanto como na cidade, onde tudo é comprado. “Lá a gente só trabalha, trabalha, trabalha. Não dorme, se submete, passa muito trabalho mesmo.” (Entrevistado Seu Zezinho)⁶ Buscam no interior a tranquilidade, a qualidade de vida, o ar mais puro, a água de poço, o contato com a natureza. “Eu amo viver aqui!” (Entrevistada Maria Loreci).

Para eles natureza é justamente este conjunto de ar puro, água, luz solar, plantas, árvores, pássaros, etc. “É tudo isso que nos envolve, que nos dá vida!” (Entrevistada Maria Loreci). Entendem que ao praticar a agricultura o devem fazer de forma a não invadir o espaço dela, agregando, associando, por isso seus canteiros são diversificados (figura 7).

Figura 7: Canteiros agroecológicos com ervas medicinais, verduras, frutas e flores da família da Maria Loreci, Seu Zezinho e Felipe – Passo das Moças, Santo Antônio da Patrulha



Fonte: S.P.Paz, 2017.

Quanto ao desenvolvimento sustentável, é entendido como “poder viver com dignidade aonde vive, sem ter que ir pra cidade, se submeter... poder plantar o que come, viver em contato com esta natureza maravilhosa, de forma mais saudável, mas também vender o que produz para quem valoriza e entende esta relação” (Entrevistada Maria Loreci).

⁶ O “lá” refere-se a cidade.

Esta família me recepcionou de braços abertos, muito contentes de contar a sua história. Mostraram-se muito confiantes e decididos pelas escolhas de morar no rural e levar uma vida mais feliz e saudável. Pareciam muito felizes pela oportunidade de mostrar aos outros suas experiências, incentivando outros a ousar em caminhos antes não trilhados.

6.6 SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS (STRSAP) – REPRESENTANTE SAMUEL SANTOS

Fundado em 29 de julho de 1966, o Sindicato é uma entidade que representa os trabalhadores(as) rurais do município. Conforme dados disponíveis, possui cerca de três mil associados num universo de aproximadamente duas mil e quatrocentas propriedades da agricultura familiar⁷. É ligado a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul e a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. Conta com uma sede própria de 1260 m², considerada uma conquista devido ao esforço coletivo.

O sindicato surgiu num momento complicado em termos políticos e sociais, pois vivíamos no regime militar não democrático e que controlava as manifestações sociais. Na época o STRSAP contava com a Igreja Católica como aliada para auxiliar nas necessidades das pessoas do campo, lutar pelos seus direitos, pelas injustiças sociais, reforma agrária, políticas governamentais agrícolas, previdência social, assistência médica, técnica e crédito rural, direitos trabalhistas, dentre tantos outros que continuam em pauta até hoje.

Como representante da classe trabalhadora rural, empenha-se na luta pelos seus direitos e objetiva melhorar a qualidade de vida de seu associado. Para isso, disponibiliza diversos serviços, tais como orientações e encaminhamentos para o bloco do produtor, imposto territorial rural (ITR), programas do governo⁸, aposentadoria rural, defesas jurídicas e questões legais da área, assistência técnica para os agricultores familiares participantes da feira do sindicato⁹ e atendimento dentário, além de ter convênios com médicos e laboratórios da região, oferecendo descontos em consultas e exames. Também conta com uma loja agropecuária, que além de vender com preços abaixo da tabela, tem seu lucro integral

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/SindicatoDosTrabalhadoresRuraisSap/info> Acesso em: 21 out 2017

⁸ Programa Nacional de Desenvolvimento da Agricultura Familiar (PRONAF), Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), etc.

⁹ A AGRISAP - feira dos agricultores familiares de Santo Antônio da Patrulha, ocorre nas terças pela tarde e aos sábados pela manhã, no pátio do sindicato. (<https://www.facebook.com/Agrisap?fref=ts>)

destinado aos serviços e programas do sindicato. Recentemente realiza um trabalho de apoio aos produtores rurais à vacinação de novilhas contra a brucelose.

O entrevistado que representa a instituição, Samuel Santos, ocupa a posição de presidente do STRSAP. Questionado sobre os neo-rurais, percebe que este público tem aumentado nos últimos anos e os entende como pessoas que buscam no rural qualidade de vida. Como muitos não possuem ligação anterior com a terra, acredita que exista uma certa romantização da agricultura, o que leva a casos de desistência. Buscam no sindicato acesso a políticas públicas, mas como possuem outras rendas não agrícolas por vezes acabam sendo barrados.

Para Samuel, os neo-rurais demandam novos caminhos, práticas e um olhar diferente dos órgãos de desenvolvimento rural, pois experimentaram outros estilos de vida que ampliaram seus horizontes. No entanto, ao adentrar o meio rural, encontram um ambiente bastante conservador. De um lado, agricultores/as que retiram seu sustento diretamente da terra, de outro, instituições acostumadas a lidar com um perfil, em nível de práticas e interesses. Assim, com projetos de vida e de sustentação que fogem a este padrão, o choque acaba sendo um pouco inevitável.

No seu entendimento, as instituições devem mediar estes conflitos, adequar-se a estas novas demandas e concepções dos neo-rurais, aproveitando-as, o que pode auxiliar o próprio órgão no cumprimento de sua função. “Nós como instituição devemos mediar estes interesses e práticas” (Entrevistado Samuel). Neste quesito, também entende ser necessário a criação de novas políticas e de uma nova burocracia que inclua e leve em conta estas novas ruralidades. “Novas demandas e concepções exigem novas burocracias” (Entrevistado Samuel).

6.7 EMATER SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA – REPRESENTANTE FLADEMIR SCHIMIDT

A EMATER, como órgão governamental responsável por assistência técnica e extensão rural, é constantemente acessada por agricultores/as. Flademir é técnico da Emater no escritório do município, auxiliando diretamente os agricultores e agricultoras. Entende os neo-rurais como pessoas que vem pro campo em busca de subsistência ligada a “terra” e enquadramento de mercado. São agricultores familiares que “primeiramente pensam nas produções para seu consumo, mas já tem um foco ou objetivo com a propriedade, apesar de na maior parte das vezes suas terras serem menores” (Entrevistado Flademir). São pessoas esclarecidas, que buscam informação e formação, que questionam, almejam alternativas e

“têm sonhos diferentes dos nossos” (Entrevistado Flademir)¹⁰. Querem uma assistência mais constante, num contato mais frequente com a instituição, sendo mais exigentes se comparados aos agricultores/as tradicionais e convencionais. Possuem diálogos mais subsidiados e procuram confirmar as informações obtidas de forma autônoma, seja na internet ou cursos.

Apesar de perceber que este público tem crescido, entende que muitas leis e políticas públicas não estão adequadas, não incluem ou barram este público que tem muita vontade “de crescer e trabalhar” (Entrevistado Flademir). Como exemplo, cita que para conseguir um bloco de produtor e posteriormente uma DAP (declaração de aptidão ao PRONAF), o neo-rural precisa de um tempo de atividade. Assim, como muitos iniciam “do zero, dificulta não conseguir acessar um financiamento, conseguir um incentivo” (Entrevistado Flademir) Flademir entende que as leis precisam ser atualizadas para um efetivo aumento no número de neo-rurais, com políticas públicas direcionadas. Assim como ocorreu com os agricultores urbanos, no caso da zona rural de Porto Alegre, onde o poder público foi pressionado para incluí-los, deveria acontecer com os neo-rurais.

Quanto a Agroecologia e o desenvolvimento sustentável, percebe que todas estas características tornam o neo-rural mais aberto a novas ideias e práticas, com maior preocupação com relação a questão ambiental e social. No entanto, apesar de todo o poder de influência e da pressão que suas concepções e ações imprimem nos seus vizinhos, amigos, comunidade e instituições, as questões históricas e culturais ainda são mais fortes, exigindo um sobre esforço.

7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

7.1 NEO-RURALS, AGROECOLOGIA E O DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

A partir da pesquisa, ficou evidente o quanto o movimento dos neo-rurais agroecológicos ressignifica a agricultura e o rural. Eles entendem que a própria Agroecologia, ou melhor, as práticas agroecológicas, vão muito além de uma ciência que dialoga com áreas distintas, são um agir que considera os impactos de nossas intervenções no ambiente. Utilizando as palavras de Gliessman (2008, p. 56), que define Agroecologia como uma nova

¹⁰ Faz referência aos sonhos dos agricultores conservadores, direcionados a pecuária ou agricultura convencional.

abordagem da agricultura e do desenvolvimento agrícola, sendo “ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável”, que “abre a porta para o desenvolvimento de novos paradigmas da agricultura [...], valoriza o conhecimento local e empírico dos agricultores, a socialização deste conhecimento e sua aplicação ao objetivo comum da sustentabilidade”, podemos enquadrar estes neo-rurais como agroecológicos.

Simón Fernández e Dominguez Garcia entendem que “[...] uma condição essencial para uma agricultura sustentável e, por extensão, de uma sociedade sustentável, é um ser humano evoluído, cuja atitude em relação à natureza seja de coexistência com a mesma e não de exploração (2001, p. 18)”. Assim, junto com o neo-rural percebemos novas formas de ver e tratar o meio, bem como entender nossa responsabilidade por aquilo que nos cerca, pois

as mais diferentes noções de rural e de ruralidades nos remetem à proximidade com a natureza, o solo, a terra, as estações e os climas, suas vegetações e animais, produzindo objetividades, subjetividades, espiritualidades e sensibilidades rurais. Valores e modos de vidas rurais que se constroem em codeterminações complexas, em sinergias, embates e disputas hegemônicas, contra-hegemônicas e subalternas das quais estamos falando. São essas dimensões das realidades contemporâneas que nos levam a falar em novas comunidades rurais e novas identidades rurais: novas ruralidades (MOREIRA, 2012, p. 258).

Neste ínterim, a complexidade da relação ser humano-meio rural-contexto, produzidas pelas novas ruralidades, não apenas interferem de forma direta e materializável, ficando impressas nas atividades desempenhadas em suas propriedades, mas habita nas subjetividades que os retroalimentam num movimento cíclico de transformações que atingem toda a cadeia.

Carneiro afirma que “a noção de rural como espaço de preservação ambiental e da natureza como meio de contemplação passam a ser concorrentes com o valor da terra como meio de produção agrícola o que tem consequências diretas sobre as relações sociais e as disputas de interesses” (CARNEIRO, 2001, p.11). Talvez, justamente por isso, a expressão mais utilizada para definir o que os neo-rurais procuram no campo é “qualidade de vida”, já que todos os entrevistados a utilizaram, até mesmo os agentes das instituições. Também a busca por um estilo de vida mais simples e menos materialista são citados. Nas palavras de Carneiro (1998, p. 57),

novos valores sustentam a procura da proximidade com a natureza e com a vida no campo. A sociedade fundada na aceleração do ritmo da industrialização passa a ser questionada pela degradação das condições de vida dos grandes centros. O contato com a natureza é, então, realçado por um sistema de valores alternativos, neo-ruralista e antiprodutivista. O ar

puro, a simplicidade da vida e a natureza são vistos como elementos “purificadores” do corpo e do espírito poluídos pela sociedade industrial.

Para os neo-rurais, o contato com a natureza traz esta qualidade e este desapego, oferece uma tranquilidade que não conseguiam na cidade. Ou seja, o rural para estes atores sociais vai muito além de quanto a “terra” pode produzir ou gerar. Também relatam a importância da produção do seu próprio alimento, da presença da “hortinha”, das suas ervas de chá, do pomar bem diversificado. São estes detalhes que ficam evidentes nas suas falas que caracterizam os neo-rurais agroecológicos.

Em termos de saúde, os entrevistados citam a diminuição ou mesmo interrupção do uso de medicamentos ou casos de estresse. Muitos relatam como viviam doentes na cidade, entrando e saindo de gripes, resfriados, com dores de cabeça sem fim. Para exemplificar, Seu Zezinho falou da irmã de Dona Maria Loreci:

Ela é mais nova que a Mari¹¹, mas sempre que vem nos visitar traz uma bolsa de remédios. Nós desde que estamos aqui estamos melhor [...] a gente já não toma mais nada [...] quando a gente fica com dor de cabeça é só quando a gente foi para a cidade e ficou muito lá, as vezes nos dias de feira. Mas nada que um chazinho e respirar este ar puro, com o canto dos pássaros, não resolve” (Entrevistado Seu Zezinho – neo-rural).

No tocante a sustentabilidade, lançam mão de práticas simples, mas que concretizam certos conceitos e reforçam um perfil associado aos neo-rurais, com um ar de inovação que os diferencia dos agricultores conservadores, como o uso de materiais recicláveis, reaproveitamentos, coleta de água da chuva, separação do lixo, construções alternativas e métodos diferenciados (figura 8, 9 e 10). Aqui temos outro aspecto bem típico dos neo-rurais, que misturam técnicas e conhecimentos na busca de uma maior harmonia com o ambiente. Ações percebidas e valorizadas muito mais pelos cidadãos do que por agricultores e instituições rurais.

¹¹ Apelido que Seu Zezinho utiliza para se referir a esposa, Dona Maria Loreci.

Figura 8: Reaproveitamentos na busca da sustentabilidade. Pousada Rural Encantos da Natureza – Clédis e João - Monjolo, Santo Antônio da Patrulha



Fonte: Pousada Encantos da Natureza, 2017.

Figura 9: Bebedor sustentável – Propriedade de André Pereira - Catanduvinha, Santo Antônio da Patrulha



Fonte: S.P.Paz, 2017.

Figura 10: Coleta de água da chuva e canteiros agroecológicos – Sítio Arvoredo – Alexandre e Rosi, Taquaral, Santo Antônio da Patrulha



Fonte: S.P.Paz, 2017.

Na mesma linha, outro ponto observado com as entrevistas é que os neo-rurais dedicam-se a atividades diferenciadas da tradição local ou que partem delas, mas apresentam traços inovadores, como o turismo (Clédis/João), criação de codornas (André), produção de brotos e cultivos em ambiente protegido (Renatinho), panificados com fermentação natural (Maria Loreci/Zezinho/Felipe) e massas caseiras (Alexandre/Rosi), o que está intrinsecamente associado com este perfil, que os caracteriza e os torna novos agentes num rural um tanto estagnado. Estas atividades fornecem novos horizontes e oportunidades para os moradores da região e mobilizam as instituições locais. Como destacado por Carneiro (2001, p.9),

o resgate ou a invenção da tradição se mistura à revalorização da natureza como meio de lazer e a contemplação na mobilização tanto das camadas de neo-rurais como nas de turistas de final de semana, inaugurando novas maneiras de disputa e de conflito com a população autóctone, da mesma maneira que abre novas perspectivas de trabalho para a mesma população.

No entanto, o que se tem percebido é que primeiramente são os conflitos que se instauram. As novas perspectivas só iniciam após um tempo, quando os neo-rurais conquistam

a confiança da comunidade e dos órgãos de desenvolvimento. Dona Clédis relatou que “ninguém levava fé no seu negócio no início”, porém, hoje não só ouvimos referências à pousada como um negócio que trouxe visibilidade para a comunidade, como envolve direta e indiretamente vários agricultores e moradores, desde para fornecimento e venda de produtos na pousada aos visitantes, visitas a outras propriedades, atrações (carro de boi) até contratação de serviços (limpeza, faxina). Assim, é fato o quanto a presença destes neo-rurais na região já causam transformações no local.

E em se tratando de conflito e o papel da mulher, outra questão que chama a atenção tanto nos relatos quanto a partir da percepção nas observações, é o protagonismo e a participação das mulheres. Ao contrário dos agricultores mais conservadores, que devido ao peso histórico e cultural, relegam as mulheres a um segundo plano, nos neo-rurais agroecológicos temos mulheres ativas e participantes. Nos três casais entrevistados onde ambos eram agricultores, as mulheres não só estavam presentes como também tomavam a frente em determinadas áreas (Dona Clédis na administração, Dona Loreci na horta, ervas medicinais e panificados (figura 11), Rosi nas massas e geleias).

Figura 11: O protagonismo da mulher agroecológica. Dona Maria Loreci – Passo das Moças, Santo Antônio da Patrulha



Fonte: S.P.Paz, 2017.

Este protagonismo parece assustar certas pessoas. Dona Clédis relatou alguns acontecimentos. Dois trago para exemplificar, por entender que falam por si só. Um ocorreu com sua filha, que ajuda na administração da pousada.

Uma vez a Jaque foi pegar vinho em uma vinícola aqui próxima, para os hóspedes no final de semana. Quando chegou lá o dono não estava presente e o filho dele foi obrigado a atendê-la. Ele não conseguia olhar ela nos olhos e ficou visivelmente alterado, tenso. Parecia que nunca tinha falado com uma mulher (Entrevistada Clédis – neo-rural agroecológica).

Outra ocorreu com a própria Dona Clédis. Como ela é a responsável pela administração e finanças, contatou um serviço de instalação de televisão a cabo, para fornecer comodidade aos hóspedes da pousada. Quando a equipe chegou, questionou sobre o dono da casa. Ela informou que era a responsável, que tinha contratado. No final do serviço, novamente cobraram a presença do seu marido. Dona Clédis já sem muita paciência, disse que se eles queriam receber, teriam que se reportar diretamente a ela.

Outro aspecto evidenciado através da pesquisa, foi que nem sempre as investidas dos neo-rurais de retorno ou ida para o campo logram êxito, visto que muitos alimentam uma imagem idealizada do mesmo, não correspondida pela realidade. Neste caso, as soluções vão desde o abandono e retorno ao urbano, até a utilização de suas habilidades para a diversificação das atividades e novos investimentos. Neste momento, a rede de conhecidos e parcerias é acessada na busca da manutenção de um estilo de vida. Porém, este fator é mais perceptível por aqueles neo-rurais que viam no campo uma ótima oportunidade de aliar êxito financeiro com uma vida mais calma, mas sem vinculação com uma causa maior, como a Agroecologia ou a qualidade de vida. Fica a questão se este “fracasso” está associado a falta de experiência dos neo-rurais ou aos inúmeros impasses que entram em contato ao chegar num ambiente rural extremamente conservador e fechado a novas ideias e ideais, que afastam qualquer iniciativa, logo tachada de revolucionária, viajante, sem base. Até mesmo na pesquisa alguns entrevistados só ganharam força para falar algumas de suas ideias após me conhecer melhor, ganhar confiança e liberdade com a minha pessoa. Por isso, creio que um maior contato traria ainda mais elementos para análise.

Quanto aos órgãos de desenvolvimento rural entrevistados, Sindicato dos Trabalhadores rurais e Emater, através de seus representantes, percebem a necessidade de políticas públicas mais adequadas a este público, bem como uma ação diferenciada por parte deles próprios às demandas dos neo-rurais. Como estão acostumados com os agricultores tradicionais, familiares ou do agronegócio, que retiram “da terra” todo o seu sustento, na maior parte das

vezes dedicando-se a atividades já comuns na área, são desafiados pelos projetos dos neo-rurais. Os órgãos relataram que a presença dos neo-rurais transformaram até mesmo os cursos e formações realizados.

O técnico da Emater Flademir comenta que “eles já vem com perspectivas e projetos pré-definidos, mas buscam nossa ajuda para testar. [...] A gente tem que estar sempre atento as novas tendências, pois os neo-rurais estão sempre se atualizando e procurando novos mercados e oportunidades.” (Entrevistado Flademir- técnico da EMATER) Estas afirmações corroboram a hipótese que os neo-rurais problematizam e transformam a própria extensão rural, influenciando assim nas ações que não só são destinadas a estes novos/as agricultores/as, mas todos/as aqueles/as do município, que serão atingidos.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, Samuel, também comenta a necessidade de uma adequação da entidade e das legislações ao perfil das novas ruralidades, a formação de um rural diverso e que precisa ser entendido como tal para que possamos criar ações mais coerentes com o cenário que está posto.

Hoje quem ainda trabalha na cidade, mas compra um sitiozinho e começa a plantar, vem aqui e quer financiamento, quer plantar para a merenda escolar, quer curso, quer se associar [...] a gente não consegue atender muito ainda deste público [...]. (Samuel, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais)

A questão das atividades não-agrícolas, que são fontes de renda no rural, também acabam impactando na legislação, pois estão direcionadas aqueles que possuem a maior parte de sua renda proveniente de atividades agrícolas. Atualmente temos um rural pluriativo, com um dos familiares trabalhando fora de casa, em atividades não ligadas a roça, mas que usam este espaço do campo como moradia, temos aposentados ativos nas tarefas de cultivo e criação, sítios de final de semana, pousadas rurais e mercadinhos, todos convivendo com quem tem nas atividades agropecuárias e extrativistas seu trabalho diário. No entanto, todos estes atores sociais dão cara, materializam o rural como espaço de vida, além de promoverem direta ou indiretamente o desenvolvimento rural sustentável. Sendo assim, resta saber como estas instituições que trabalham no âmbito do desenvolvimento rural e as políticas públicas deste setor, tratam esta multifacetada e complexa rede, não se limitando a simples produção de matérias-primas ou processamento de itens agropecuários. Por conseguinte, flexibilizar mais as leis quanto a este quesito possa ser favorável aos neo-rurais e conseqüentemente ao desenvolvimento rural.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cinco famílias pesquisadas forneceram um panorama das práticas, perfis e métodos adotados por estes novos atores sociais do desenvolvimento rural. Já as instituições do âmbito rural, Emater e Sindicato dos Trabalhadores Rurais, mostram os desafios que estes atores sociais apresentam às suas práticas e como as mesmas têm lidado com este público.

Interessante observar que nenhuma das famílias entrevistadas tinha conhecimento direto do significado do termo neo-rural. Porém, é visível nos relatos e termos utilizados para se auto definirem os atribuídos pela literatura consultada. Também é evidente que todos compartilham da vontade de conhecer outros como eles, pois de certa forma se diferenciam dos agricultores conservadores, ficando um tanto deslocados.

No cenário apresentado na pesquisa, percebemos que apesar de muitas semelhanças, os neo-rurais são em si um grupo diverso, mas que compartilham o sonho de deixar a cidade e construir uma nova vida junto do campo, com a mão na terra, plantando seu próprio alimento. Outra característica marcante, apesar de muitos não utilizarem diretamente este termo, é a sua vinculação com a Agroecologia, com agriculturas de base ecológicas, numa concepção de desenvolvimento mais sustentável, percebidas através tanto das práticas e métodos observadas na pesquisa, quanto nas falas. Citam a importância dos animais, das ervas medicinais, dos consórcios entre culturas, das flores no meio das roças, dos pássaros, abelhas e insetos, das árvores nativas e frutíferas, das pequenas criações. Repreendem os agrotóxicos, as monoculturas, as produções voltadas a gerar apenas lucro, a excessiva industrialização e a visão do campo simplesmente como provedor de matéria-prima.

Por conseguinte, vemos nos casos dos agricultores/as neo-rurais agroecológicos estudados uma perspectiva de desenvolvimento que abarca este respeito e consideração a diversidade de seres e relações. Mais do que simplesmente mudar de local de moradia, estes atores do desenvolvimento rural sustentável procuram novos ambientes para a concretização de outras formas de ver a vida. Enfim, através deste trabalho conseguimos apontar que os neo-rurais agroecológicos de Santo Antônio da Patrulha não apenas mudam suas práticas pessoais, mas interferem nas relações locais e nos órgãos que trabalham com este público.

Para estudos futuros, poder-se-ia fazer um aprofundamento quanto a questão da adoção de práticas agroecológicas, se estão mais relacionadas, ou não, aos neo-rurais. Na análise dos dados pesquisados senti falta de alguns quesitos que não foram previstos nas entrevistas, que poderiam trazer mais subsídios. Assim, seria necessário o retorno a campo para nova coleta de dados, bem como aumentar o número de famílias pesquisadas. A questão

do papel das mulheres nas famílias neo-rurais agroecológicas e a diferença entre neo-rurais em geral e os agroecológicos também seriam recortes que gerariam excelentes pesquisas, visto que trariam elementos a nível micro, para uma análise macro, do ponto de vista de suas contribuições para o desenvolvimento rural sustentável.

De momento, podemos concluir que estas novas ruralidades estão presentes, atuantes e possuem potencial transformador, mexendo com concepções arraigadas, problematizando discursos e ações e, devido às práticas agroecológicas e o contexto em questão, promovendo o Desenvolvimento Rural Sustentável, com geração de renda e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e Medidas da Ruralidade no Desenvolvimento Contemporâneo**. Ministério do Planejamento, Orçamento e gestão. Texto para Discussão 702. Brasília: IPEA, 1998, 2000.

ALENTEJANO, P. R. R.. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. **Terra Livre**. São Paulo, ano 18, v. 2, n.21, p.25-39, jul/dez. 2003.

BARROSO, Vera Lúcia Maciel. **Moendas Caladas: Açúcar Gaúcho S. A. – AGASA: um projeto popular silenciado: Santo Antônio da Patrulha e Litoral Norte do Rio Grande do Sul (1957-1990)**. 2006. 733f. Tese - Curso de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/15/TDE-2007-06-20T120136Z-690/Publico/387367.pdf> Acessado em 15 de setembro de 2017.

BIAZZO, P. P. **Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária**. IV ENGRUP, São Paulo. Anais, São Paulo: FFLCH/USP, p 132-150, 2008.

BRANDEMBURG, Alfio. **Do Rural Tradicional ao Rural Socioambiental**. Ambiente & Sociedade. Campinas, v. XIII, n. 2, jul.-dez. 2010. p. 417-428

BRITO, Rinaldo da Silva. **Influência do açúcar gaúcho S/A (AGASA), na evolução da história agrária da região de Ribeirão, primeiro distrito de Santo Antônio da Patrulha/RS**. 2011. 48f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia)- Curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Santo Antônio da Patrulha, 2011. Disponível em:<<http://hdl.handle.net/10183/52355>> Acessado em: 13 de setembro de 2017.

CÂMARA DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA. **História da cidade**. Disponível em: <<http://www.camarasap.rs.gov.br/sap/historia-da-cidade>> Acesso em: 3 Outubro 2017.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília: 2009. 30 p. Disponível em: <http://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/911596/1/LVAgroecologia.umacienciapara apoiar.pdf> Acesso em: 19 janeiro 2017

CARNEIRO, M.J. **Ruralidade: novas identidades em construção**. CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL (SOBER), 23, Anais. Natal: Sober, p.147-185, 1997.

CARNEIRO, Maria José. "Rural" como categoria de pensamento. **Ruris**, v.2, n.1, março, 2008.

CLASEN, Clédis. **Depoimento de Clédis Clasen**. Entrevistador: Sheila Peirot Paz. Pousada rural Encantos da Natureza, Monjolo/Santo Antônio da Patrulha. Entrevista concedida a atividade relativa ao Trabalho de Conclusão de Graduação. Santo Antônio da Patrulha, 2017.

CONTERATO, Marcelo Antonio; FILLIPI, Eduardo Ernesto. **Teorias do desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009, 56 p.: il.

COSTA, José Luiz Ferreira da. **Depoimento de José Luiz Ferreira da Costa**. Entrevistador: Sheila Peirot Paz. Chácara da Família, Passo das Moças/Santo Antônio da Patrulha. Entrevista concedida a atividade relativa ao Trabalho de Conclusão de Graduação. Santo Antônio da Patrulha, 2017.

COSTA, Luiz Felipe Santos da. **Depoimento de Luiz Felipe Santos da Costa**. Entrevistador: Sheila Peirot Paz. Chácara da Família, Passo das Moças/Santo Antônio da Patrulha. Entrevista concedida a atividade relativa ao Trabalho de Conclusão de Graduação. Santo Antônio da Patrulha, 2017.

DAL SOGLIO, Fábio Kessler; KUBO, Rumi Regina (org). **Agricultura e sustentabilidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

DELGADO, Nelson G. O papel do rural no desenvolvimento nacional: da modernização conservadora dos anos 1970 ao Governo Lula. In: Nelson Giordano Delgado. (Org.). **Brasil Rural em Debate**. Coletânea de Artigos. Brasília, DF: CONDRAF/MDA, 2010, v. 1, p. 28-78.

FEIDEN, Alberto. **Conversão de Sistemas de Produção Convencionais para Sistemas de Produção Orgânicos**. Seropédica: Embrapa Agrobiologia, dez. 2001. 20p. (Embrapa Agrobiologia. Documentos, 139).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIULIANI, Gian Mario. Neoruralismo: um novo estilo dos velhos modelos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n. 14, ano 5, 1990.

GRÜN, Mauro. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Santo Antônio da Patrulha**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santo-antonio-da-patrolha/>> Acesso em: 3 Outubro 2017.

LIMA, Eli Napoleão de. Novas ruralidades, novas identidades. In: MOREIRA, Roberto José. (Org.). **Identidades Sociais. Ruralidades no Brasil Contemporâneo**. 01 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, v. 01.

MACIEL JUNIOR, José. **Reminiscências da minha terra: Santo Antônio da Patrulha**. Porto Alegre: Editora EST, 1970.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Ruralidades: novos significados para o tradicional rural. In: **Dinâmicas do espaço agrário: velhos e novos territórios** : NEAG 10 anos p. 179-189, 2017

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, Roberto José. **Pensando o rural da modernidade e dos nossos tempos**. Estud. Soc. e Agric., Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, 2012. p. 248-271

PAULUS, Gervásio; MULLER, A. M.; BARCELLOS, L.A.R. **Agroecologia Aplicada: práticas e métodos para uma agricultura de base ecológica**. Porto Alegre: EMATER/RS, 2000.

PEREIRA, André. **Depoimento de André Pereira**. Entrevistador: Sheila Peirot Paz. Chácara da Família, Catanduvinha/Santo Antônio da Patrulha. Entrevista concedida a atividade relativa ao Trabalho de Conclusão de Graduação. Santo Antônio da Patrulha, 2017.

PORTAL PRÓ SINOS. **Santo Antônio da Patrulha**. Disponível em: <<http://www.portalprosinos.com.br>> Acesso em: 3 Outubro 2017.

RAMOS, Alexandre Silveira. **Depoimento de Alexandre Silveira Ramos**. Entrevistador: Sheila Peirot Paz. Sítio Arvoredo, Taquaral/Santo Antônio da Patrulha. Entrevista concedida a atividade relativa ao Trabalho de Conclusão de Graduação. Santo Antônio da Patrulha, 2017.

REVISTA COMEMORATIVA DOS CINQUENTA ANOS. **Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Antônio da Patrulha 50 Anos de lutas e conquistas**. 29 de Julho de 2016.

SANTOS, Francis dos. Perspectiva para a Soberania Alimentar Brasileira. In: DAL SOGLIO, Fábio Kessler; KUBO, Rumi Regina (org). **Agricultura e sustentabilidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 117- 135.

SANTOS, José Renato Pereira dos. **Depoimento de José Renato Pereira dos Santos**. Entrevistador: Sheila Peirot Paz. Chácara da Família, Lagoa/Santo Antônio da Patrulha. Entrevista concedida a atividade relativa ao Trabalho de Conclusão de Graduação. Santo Antônio da Patrulha, 2017.

SANTOS, José Samuel da Silva. **Depoimento de José Samuel da Silva Santos**. Entrevistador: Sheila Peirot Paz. Sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Antônio da Patrulha/Santo Antônio da Patrulha. Entrevista concedida a atividade relativa ao Trabalho de conclusão de graduação. Santo Antônio da Patrulha, 2017.

SANTOS, Maria Loreci Verlindo dos. **Depoimento de Maria Loreci Verlindo dos Santos**. Entrevistador: Sheila Peirot Paz. Chácara da Família, Passo das Moças/Santo Antônio da Patrulha. Entrevista concedida a atividade relativa ao Trabalho de Conclusão de Graduação. Santo Antônio da Patrulha, 2017.

SCHIMIDT, Flademir. **Depoimento de Flademir Schimidt**. Entrevistador: Sheila Peirot Paz. Sede da EMATER de Santo Antônio da Patrulha/Santo Antônio da Patrulha. Entrevista concedida a atividade relativa ao Trabalho de conclusão de graduação. Santo Antônio da Patrulha, 2017.

SIMÓN FERNÁNDEZ, Xavier; DOMINGUEZ GARCIA, Dolores. Desenvolvimento rural sustentável: uma perspectiva agroecológica. In: **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.2, n.2, abr./jun.2001

SIQUEIRA, Deise e OSÓRIO, Rafael. O conceito de Rural. In: **Una nueva ruralidad en América Latina?** Buenos Aires: 2001. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20100929012130/5osorio.pdf> Acesso em: 5 Junho 2017.

VILELA, Sérgio Luiz de Oliveira. **Uma “nova” espacialidade para o desenvolvimento rural**: sobre meio rural, desenvolvimento local e território. XXII Caxambu, 1998. 24º Encontro Anual da ANPOCS.

VEIGA, José Eli. **Desenvolvimento sustentável - O desafio do Sec. XXI**. 1a.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 226p .

APÊNDICE

Apêndice 1 – Entrevistas

Agricultores/as

- O que o/a levou a deixar a cidade e buscar a vida no campo?
- Liste alguns pontos marcantes que diferenciam sua vida na cidade e no campo.
- Quais são as atividades desempenhadas na sua propriedade?
- Quais são suas práticas agrícolas/agropecuárias?
- Está associado a algum grupo, rede de certificação?
- Utiliza os serviços ou faz parte de algum órgão relacionado a agricultura no município (Sindicato, Emater, Secretaria da Agricultura, etc)
- O que você entende por desenvolvimento sustentável?
- O que você entende por natureza? Qual a relação dela com as atividades da propriedade?

Instituições, grupos e parcerias que trabalham no âmbito do desenvolvimento rural

- Quem são os neo-rurais do município, como vocês os identificam?
- Quais são as exigências/necessidades deste público?
- Como eles influenciam no trabalho realizado por vocês?

Apêndice 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da/o estudo/pesquisa intitulado(a) **Neo-rurais, desenvolvimento sustentável e Agroecologia em Santo Antônio da Patrulha**, conduzida por Sheila Peirot Paz e orientada pelo prof. Dr. Fabio Kessler Dal Soglio. Este estudo tem por objetivo compreender como o modo de vida dos neo-rurais agroecológicos de Santo Antônio da Patrulha influencia o desenvolvimento rural sustentável.

Você foi selecionado(a) por enquadrar-se nos requisitos necessários para o bom desenvolvimento deste estudo, como ser um neo-rural agroecológico, participar ativamente das atividades de mais de um órgão que trabalha com agricultores/as, tais como sindicatos, Emater, prefeitura; estar vinculado a algum grupo, entidade ou associação relacionado a Agroecologia; ser uma referência na sua área de atuação ou comunidade e/ou a adoção de métodos/práticas ou empreendimento inovadores. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Sua participação não apresenta riscos, visto que não adentra sua integridade física ou de seus familiares, restringindo-se a uma entrevista com a pesquisadora, de curta duração, não excedendo duas horas e sem registro em nenhum meio eletrônico e o acompanhamento de algum/alguns dias de atividade na propriedade para reconhecimento da mesma e das práticas e métodos adotados, ambos previamente combinados e acordados entre as partes. Também não acarretará qualquer espécie de gastos, bem como não fornecerá nenhuma remuneração direta ou indireta.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais se assim você desejar, não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. O/A pesquisador/a responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos [ou instituições] participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável/coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Sheila Peirot Paz, estudante do curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural, UFRGS, e-mail: sheda.paz@gmail.com, contato: (51)99222-6557.

Contatos do orientador: Fabio Kessler Dal Soglio, e-mail: fabiods@ufrgs.br contato: (51) 3308-3816

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UFRGS: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317, Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro, Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060. Contato Fone: 51 3308 3738 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Santo Antônio da Patrulha, ____ de _____ de ____.

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a) [imprescindível]: _____

APÊNDICE 3 – Mapa de Santo Antônio da Patrulha e as respectivas propriedades entrevistadas

